

RELATIVISMO, VERDADE e LIBERDADE: Uma abordagem dentro da perspectiva Cristã / Uma abordagem Cristocentrica.

¹Sandra Maruri de Moura

² Regina Rafaelli Schuerne

RESUMO

A busca pelo conhecimento da verdade coexiste com o homem desde sua criação. Neste artigo, procurar-se-á entender o surgimento do relativismo, como chegou até nós e quais seus princípios. Para isso, analisar-se-á brevemente suas origens filosóficas, através do pensamento de três grandes estudiosos que mais contribuíram para a eclosão das teorias relativistas: Protágoras, René Descartes e Emmanuel Kant, em contraponto com o pensamento do grande filósofo Grego – Sócrates. A seguir, analisar-se-á o relativismo numa relação dialógica com a verdade, tendo a liberdade como consequência, abordando os desafios que esta corrente filosófica representa para o Cristianismo, apresentado como a chave para a compreensão da verdade.

Palavras-Chave: Relativismo; Verdade; Liberdade; Cristianismo.

1 INTRODUÇÃO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO SOCIAL SOBRE O RELATIVISMO

Aborda-se o relativismo como uma corrente filosófica contemporânea, contudo suas origens são encontradas no século IV antes da Era Cristã entre os primeiros pensadores e filósofos gregos, os sofistas, conhecidos por serem professores viajantes que ensinavam seus alunos a desenvolver a habilidade da argumentação, da retórica e outros saberes, com objetivo de capacitá-los na tarefa do convencimento, derrubando teses contrárias.

Para Cotrim (2001, p. 91) foram as características desses ensinamentos sofistas que deram origem às concepções filosóficas em estudo. Segundo o autor, “no relativismo, não há uma verdade única, absoluta. Tudo seria relativo ao indivíduo, ao momento, a um conjunto de fatores e circunstâncias.” Ou seja, tudo seria relativo ao interesse de quem apresenta o argumento, a tese.

Prótagas (490–415 aC), considerado o primeiro e um dos mais importantes sofistas, tinha como princípio básico de sua doutrina a ideia de que “o homem é a

¹ Acadêmica do Curso de Teologia/EAD da Universidade Luterana do Brasil.

² Orientadora Presencial do Curso de Teologia/EAD da Universidade Luterana do Brasil e orientadora deste trabalho.

medida de todas as coisas, daqueles que são por aquilo que são e daqueles que não são por aquilo que não são” (COTRIM, 2001, p.91). A partir dessa teoria, o conceito de verdade passa a ter conotações subjetivas, onde qualquer tese poderia ser encarada como falsa ou verdadeira, de acordo com a ótica de cada um. Com esse princípio, o filósofo grego negou a existência de um critério absoluto, de uma verdade única. Não há nada fixo e definitivo.

Entre os filósofos da era moderna desatacam-se o francês René Descartes (1596 – 1804), considerado pai da matemática e da filosofia moderna, conhecido por sua célebre frase “Penso, logo existo”, e Immanuel Kant (1724 – 1804), representante do Iluminismo alemão. A partir de suas reflexões, Descartes chegou a conclusão de que a verdade não vem do exterior do homem e sim do interior, cada indivíduo a descobre em si mesmo, sendo portanto a verdade uma descoberta pessoal e individual.

Conforme Cotrim (2001, p.175), Kant afirmou que “é impossível conhecermos as coisas em si mesmas - o ser em si. Só conhecemos as coisas tal como a percebemos - o ser para nós.” Assim, o filósofo contemporâneo nega o caráter objetivo do conhecimento e conseqüentemente o valor absoluto da verdade, que passa a ser “interpretada em função das qualidades e recursos do sujeito que conhece e julga”, admitindo a existência de diferentes verdades, que podem ser contraditórias.

Foi a partir dos estudos e pensamentos destes filósofos que surgiram os fundamentos do relativismo, que permeia a sociedade contemporânea, moldando o pensamento e as ações do homem moderno. Contudo não podemos falar na origem da filosofia relativista sem citar a posição de Sócrates, um dos maiores ícones da filosofia Grega. Segundo Cotrim (2001, p.94), Sócrates era contrário às ideias relativistas em relação à questão da moralidade e ao uso da retórica para defender interesses particulares. Neste contraponto observa-se que a teoria relativista nunca obteve unanimidade entre os estudiosos e filósofos, como não obtém ainda hoje, uma vez que seu conceito fundamental baseado na máxima de que nenhuma verdade é absoluta limita o conhecimento do homem, subordinando-o a condições subjetivas, circunstanciais e de utilidade para o próprio sujeito. Seguindo essa linha, o homem nunca chegará ao conhecimento pleno sobre qualquer coisa, mas somente a um parecer temporário. Nessa perspectiva, tudo que conhecemos e aprendemos como verdade seria puramente

relativo e nada teria valor absoluto, podendo em outro tempo e/ou lugar, ser visto como falso.

Sob a égide de que nada é absoluto e cada um pode definir “sua verdade” de acordo com o contexto histórico social em que está situado, conceitos e verdades até então incontestáveis, são questionados. Contudo, salienta-se que, ao negar a existência de verdades absolutas, a epistemologia da relatividade gera, no seu próprio conceito, uma incongruência, pois a falta de uma verdade absoluta é tida como a “verdade absoluta” desta teoria.

2 RELATIVISMO E PLURALIDADE

Os defensores da filosofia relativista ganham espaço em todos os segmentos da sociedade, inclusive junto aos cristãos. Usando como subterfúgio uma atraente teoria humanista, tem como argumentos facilitadores a democracia, a tolerância e a liberdade de expressão. Porém esses conceitos são mais plausíveis quando tratamos da pluralidade aplicada as questões étnicas, políticas, de gênero e outras onde o respeito às diferenças é fundamental para assegurar o direito inviolável de liberdade do indivíduo.

Assim o conceito de pluralidade vem sendo apresentado para a sociedade através de discursos democráticos e politicamente corretos, tão em voga na atualidade, enquanto vão induzindo a adesão a paradigmas relativistas de forma irrefletida e inconsequente.

No entanto, se faz essencial analisar essa questão a partir de outra perspectiva, uma vez que a pluralidade, entendida como diversidade, está presente no mundo e de forma especial na criação de Deus. Sobre esse aspecto nos fala Augustus Nicodemus Lopes:

A criação de Deus é plural, a humanidade feita à Sua imagem é plural, as culturas são plurais, as ideias são plurais. Há uma enorme e fascinante diversidade na realidade que nos cerca. Com esse significado relativo e limitado, recebo e amo a pluralidade que encontramos num mundo que faz sentido e que se sustenta em cima de unidades, de princípios universais e absolutos. É, para mim, uma expressão da riqueza, poder e criatividade de nosso Deus (LOPES, 2008, p.23).

O problema surge quando o termo “pluralidade” assume um caráter absoluto e passa a negar conceitos de igualdade, unidade, ética e moral, que existem em todo o mundo ao mesmo tempo em que passa a embasar ações que

ferem a ordem natural das coisas, tendo como objetivo desconstruir o conceito de verdade absoluta, existente em princípios universais e atemporais que estão presentes em todas as culturas e na própria natureza.

Observa-se que nesse contexto os conceitos de pluralidade assumem muitas vezes o papel de testa-de-ferro do relativismo, infiltrado nas concepções modernistas, difundidas fortemente através dos meios de comunicação em massa e das mídias sociais, onde valores irrefutáveis que fazem parte da natureza humana e estão inseridos na consciência do homem desde a sua criação passam a ser questionados, possibilitando que qualquer ação ou teoria seja justificada, aplacando desta forma a consciência do homem.

O discurso em favor da pluralidade passa a ser usado com o objetivo de favorecer a legitimação de crenças e práticas que a experiência, a história, a consciência e especialmente a revelação bíblica ensinam que são falsos e equivocados – para não dizer pecaminosos” (LOPES, 2008, p. 46)

3 VERDADE – A MINHA, A TUA, A NOSSA

“Sei que desejas a verdade no íntimo; e no coração me ensinas a sabedoria” (Sl 51:6).

Os conceitos de verdade sempre desafiaram o homem. Desde a Grécia antiga filósofos discutem se ela é real e absoluta ou relativa e ilusória. Essa questão se reflete na pergunta feita por Pilatos: “Que é a verdade?” (Jo 18:38).

A pergunta de Pilatos, feita há cerca de 2.000 anos atrás, ainda hoje permanece atual, afinal o que é a verdade? Como diz o Salmista, a verdade é uma procura eterna do homem, faz parte da sua natureza e está além de sua vontade. Nesse sentido, podemos afirmar que a aventura do homem em busca do conhecimento da verdade, do bem e do mal é inata, está presente desde os primórdios da criação. No livro de Genesis temos um relato significativo para o nosso estudo:

E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá (Gen 2:9-16).

O que aconteceu na história todos nós sabemos, mas aqui o texto bíblico vem de encontro com o nosso estudo, demonstrando que a semente da busca pelo conhecimento, pela verdade, já estava implantada no coração do homem desde sua criação e é um desejo tão forte que o levou a desobedecer a uma ordem direta do próprio Deus, sujeitando-se ao castigo. Ao provar do fruto do conhecimento do bem e do mal, concluímos que Adão e Eva buscavam uma fonte humana de discernimento, para serem moralmente independentes de Deus.

Ainda hoje os homens de posse de suas verdades, se arvoram no direito de provarem todos os frutos, pois qualquer coisa pode ser boa ou má, é sempre uma questão de perspectiva, de interesse. Assim, nesse aspecto, percebemos que o homem não evoluiu, mas permanece num círculo vicioso, ainda tentando ser moralmente independente de Deus e sempre voltando ao princípio.

Nas diversas culturas, assim como na ciência, na política, nas questões sociais, morais e éticas a busca pela verdade move o homem, que constrói muitas concepções a seu respeito, o que não altera o que de fato ela é, a verdade.

A verdade das coisas é o que elas são em si mesmas. O que essencialmente são. Porém, as coisas são ditas verdadeiras sempre em ordem a algum intelecto, isto é, por causa da conformidade que, necessariamente, tem com alguma mente. Com a mente divina, nos casos dos seres naturais. Com a mente humana, no caso de artefatos ou engenhos artificiais, existentes pela força do intelecto prático, criador, do homem (GIRARDI; QUADROS, 1975, p. 99).

Para os adeptos da teoria relativista não há uma base objetiva e universal sobre a qual se possa fundamentar um sistema moral único, uma verdade válida para todos os homens. Em relação dialética a esse pensamento, o Cristianismo afirma que sim, há uma base objetiva e universal sobre a qual pode-se erguer um sistema moral único e válido para todos os homens, essa base é a Bíblia. Porém, muito embora a Bíblia a reconheça no sentido de diversidade, não há tolerância quando se trata de revelação de Deus, da verdade, do que é certo, bom e justo. O homem pode ter dúvidas quanto a verdade, mas Jesus nos fala sobre ela como algo claro e objetivo.

Assim sendo a Bíblia verdadeira, como o é, os seus escritos também o são, e eles nos trazem não só a história do povo de Deus e a sua revelação, mas exemplos e orientações preciosas para a vida do homem em qualquer tempo, lugar ou circunstâncias. A verdade nos foi revelada por Deus como certa e

absoluta, como um caminho a seguir, não como ideias subjetivas para serem interpretadas e moldadas segundo critérios pessoais de quem pretensamente busca a verdade.

Quando a verdade perde sua principal característica que é a universalidade e fica ao bel prazer de cada indivíduo ou de cada sociedade, a liberdade acaba sendo conceituada nos mesmos moldes: depende do indivíduo para o indivíduo, da sociedade para sociedade, de cultura para cultura. A consequência que advém de uma tal conceituação é tanto de escravização do homem, como a anarquia, o autoritarismo e o despotismo. E o homem acaba sendo o grande prejudicado. A liberdade é uma verdade. Sendo verdade é universal. Deve valer para todo o homem (GIRARDI; QUADROS, 1975, p. 41).

Porém não podemos esquecer que o homem foi criado livre, dotado de livre arbítrio para aceitar ou rejeitar a palavra de Deus, ou ainda, de acordo com o conceito relativista, pinçar somente as partes que lhes agradam, convém ou parecem verdadeiras. Contudo é prudente lembrar que a verdade é uma e nada do que dissermos ou fizermos irá mudar este fato. Ela simplesmente é o que é, A verdade.

4 LIBERDADE - UMA CONSEQUÊNCIA DA VERDADE

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8:32).

O homem verdadeiramente livre é aquele cuja capacidade de compreensão caminha sempre em busca da verdade. Quanto mais o homem conhece a verdade, quanto mais alarga o horizonte dos seus conhecimentos, mais amplidão e possibilidades dá às opções sua liberdade. Por isso que entre verdade e liberdade há uma relação direta. A ignorância é uma escravidão. A sabedoria uma libertação (GIRARDI; QUADROS, 1975, p.43).

As duas citações acima falam da verdade como condição para a liberdade. O homem contemporâneo anseia e busca para si a liberdade, como sinônimo de individualismo, atendendo o desejo íntimo de fazer somente aquilo que lhe dá prazer e lhe satisfaz, de ser livre para qualquer ação. Não percebe que o mau uso do livre arbítrio tem consequências geralmente desastrosas, como por exemplo, na vida social, onde a liberdade sem limites leva à anarquia, a exploração do mais fraco, a injustiça, a violência desmedida. Na economia a liberdade sem controle favorece quem tem muito e prejudica os demais. Da mesma forma, a total

liberdade na educação, assim como a falta de disciplina, vai formar uma geração de homens fracos. São as leis civis, os valores e as verdades universais que garantem a liberdade da humanidade e a sua segurança.

Fazer o que se deve não escraviza o indivíduo, do contrário, fazer somente o que se quer e sempre o que se quer, se confunde com o pleno exercício da liberdade e pode facilmente conduzir o homem a escravidão. Escravidão primeiramente dos próprios desejos e prazeres e depois do mundo.

O apóstolo Paulo na carta aos Coríntios nos fala sobre a liberdade do cristão e assevera: "Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas eu não deixarei que nada me domine" (I Cor 6:12). Mais adiante volta a afirmar: "Tudo é permitido, mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica" (I Cor 10:23). Nestes textos o apóstolo dos gentios deixa claro que o homem é dotado de livre arbítrio, tem liberdade para fazer escolhas, uma prerrogativa dada por Deus que lhe diz que todas as coisas lhe são permitidas. Contudo, o conceito de verdade está implícito na advertência: mas nem tudo lhe edifica, nem tudo lhe convém, portanto não se deixe dominar por elas.

O conhecimento da verdade universal está expresso na lei de Deus e resumido na máxima ensinada por Jesus, de que devemos amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmo. A expressão dessa verdade é a garantia da liberdade plena do homem.

CONCLUSÃO

O relativismo é uma realidade que vem ganhando espaço em nosso meio. Um conceito cada dia mais difundido, anunciado como "politicamente correto", e outras vezes confundido com o pluralismo. Num primeiro momento essa filosofia pode parecer positiva na medida em que convida à tolerância, a reconhecer o valor dos outros, a respeitar as diferenças, a facilitar a convivência entre as culturas. Contudo seus conceitos tornam-se uma contradição quando tentam se colocar numa posição absoluta, corrompendo a razão e a ação humana, num contexto em que somente aquilo que pode ser explicado e comprovado no âmbito das ciências é aceitável, convertendo-se assim na única expressão da racionalidade: tudo o mais se torna questionável. Diante da questão "o que é a verdade?" o homem sucumbe a sua própria individualidade, perdeu as referencia

que lhe podiam orientar e já não possui parâmetros para fundamentar seus juízos e seus valores são motivados pela sua razão e outros critérios subjetivos e circunstanciais. Sem um Deus ou um ponto de referência que lhe forneça um conjunto seguro de normas morais para as ações humanas, a consciência se tornou o único elemento capaz de produzir uma base para as escolhas morais. Assim o homem inverte a ordem natural e usa a liberdade como um meio para viver e experimentar o que acredita ser a sua própria verdade, quando a palavra diz que a verdade é o caminho que levará a liberdade.

É precisamente o contexto sociocultural que acabamos de descrever que representa o maior desafio para o cristianismo: permanecer fiel a verdade manifestada por Deus através de seu filho Jesus e revelada através das Escrituras, entendendo que mesmo em meio a diversidade e a pluralidade existem valores absolutos, verdades espirituais e princípios éticos e morais que são universais e não podem ser relativizados.

No evangelho de João encontramos uma promessa: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8:22). Este pequeno versículo traz uma importante contribuição para finalizarmos nosso estudo. Seu primeiro termo diz: “conhecereis”, indicando que é preciso apreender, buscar o conhecimento. O segundo termo da frase “a verdade” é claro e não nos permite variantes como “as verdades” ou “a verdade do seu tempo”, mas simplesmente “a” verdade, única e eterna, absoluta e universal. O pequeno versículo termina com a oração “e a verdade vos libertará”, ensinando-nos que essa verdade única, eterna, absoluta e universal é o passaporte para a liberdade que a humanidade vem buscando através dos tempos. Cristo é o caminho que liberta o ser humano de todas as amarras que o mundo lhe impõe, liberta da escravidão e conduz a uma vida plena, pela graça de Deus, com esperança da vida eterna e livre da morte.

O Cristianismo é a chave pra a compreensão da verdade como um todo coerente e universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida**. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. 1728p.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**: História e Grandes Temas. 15ª edição. São Paulo: Saraiva, 2001.

GIRARDI, Leopoldo Justino; QUADROS, Odone José de. **Filosofia**: Série Universitária. 2 ed. Porto Alegre: PUC Emma, 1975.

LOPES, Augustus NICODEMUS. **O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.